

Sotheby's

S|2



SIM Galeria Curitiba

PAPEL CARBONO

Nelson Leirner

abertura

sábado, 18 de agosto às 11h
18 agosto a 29 setembro 2018

opening

saturday, august 18, 11 am
august 18 - september 29 2018

SIM GALERIA

curitiba

al. presidente taunay, 130 a
80420-180 | curitiba | brasil
info@simgaleria.com
simgaleria.com

Nelson Leirner | detalhe/ detail: Sotheby's
Colagem sobre papel em caixa de acrílico/ *collage on paper on acrylic box*, 30 x 20 x 10 cm, 2012

130A

SIM GALERIA

segunda a sexta das 10h às 19h
sábado das 10h às 15h
simgaleria.com

PAPEL CARBONO
Nelson Leirner





Façam suas apostas (rápido comentário sobre a obra de Nelson Leirner)

[Sobre o Xadrez]
Jogo chinês que aumenta a
capacidade de jogar xadrez.
Millôr Fernandes

Nelson Leirner intitulou a peça *Xeque-mate Touro Mondrian e Duchamp*: um tabuleiro em cujo centro há uma vaca – o touro corre por conta de uma licença poética do artista. Em arte os caminhos reais são os desvios, feitos sem pedir licença – em miniatura, dessas com as quais as crianças de antigamente brincavam, muito antes dos joguinhos eletrônicos que desde a infância vão as aprisionando aos celulares e IPads. É verdade que grande parte da aparência natural foi banida dessa vaca; está em vias de se partir a linha que a conecta com o mundo rural. Nada a estranhar, pois, reforçando a ideia de um poema de Drummond sobre sua Minas, a natureza não existe mais, foi sendo reduzida a objetos lúdicos e decorativos como essa vaca, como os papéis de parede com paisagens estampadas, as flores de plásticos hiper-reais que vêm da China, o aroma enjoativo dos desodorantes de táxi e banheiros, com suas falsas promessas de transportes para bosques e campos verdejantes, para a melancolia das atmosferas bucólicas.

Voltando à vaca, é fácil ver por que ela é definitivamente atípica: traz no seu corpo, revestindo-o, uma composição derivada de uma pintura do holandês Piet Mondrian; sobre seu dorso, enterrado nele, uma roda de bicicleta, a obra que consagrou Marcel Duchamp. Duas obras de arte produzidas por dois artistas que no princípio do século passado desferiram golpes impiedosos sobre o que era definido como arte. Mondrian, porque apostou todas as fichas na abstração, na ruptura da noção de que a arte deveria representar o visível. Aliás, foi seu colega Theo van Doesburg quem, seguindo-o de perto, esquematizou uma vaca, justamente ela, numa pintura composta por quadriláteros vermelhos, azuis, amarelos, brancos e pretos. Seu propósito era demonstrar a inutilidade, o erro da pintura figurativa. Duchamp, porque introduziu no circunscrito e reverenciado mundo da arte, objetos do cotidiano, coisas vulgares, espúrias que o público refinado tratava como lixo. Contrariou as normas, os critérios que ditavam o que era e o que não era arte.

Nesse xeque-mate temos a vaca atropelada pela arte, a natureza atropelada pela cultura. Esse é o jogo, porque tudo é jogo. A miniatura da vaca não é a vaca, ainda que tenha a ver com ela. A pele mondrianesca não é uma pintura de Mondrian, ainda que tenha a ver com ela. O mesmo pode ser dito sobre a roda de bicicleta, que é e não é a obra de Duchamp. Tudo aqui é signo, da ordem das representações, cifras, códigos, estruturas e lógicas convencionadas. Que esse trespassamento de signos dê-se justamente num tabuleiro de xadrez é sintomático: com suas torres, cavalos, bispos, peões, rei e rainha, o xadrez é um jogo em estado puro, o resultado de regras rigidamente estabelecidas acerca do quanto vale cada uma delas, como se movimentam. Somem-se as aberturas e defesas possíveis, o lucro contido num gambito, as estratégias que se multiplicam ao infinito em batalhas demoradas, capazes de esgotar até o mais experimentado Grande Mestre. Para jogá-lo, basta aceitar suas regras, reconhecê-las e utilizá-las.

Desde o principio de sua trajetória, em princípios dos anos 1960, Nelson Leirner tem como substrato de seu trabalho a ideia de que o homem é um bicho que joga. Não que os outros não joguem, apenas não jogam pelo jogo, mas para atrair os outros, seja para acasalar-se ou devorá-los. Engendram armadilhas, inventam tocaias. Alguns são ardilosos; outros, ágeis; outros mais, grosseiros e cruéis. Mas o homem leva essa capacidade a extremos impensáveis, a começar porque joga pelo simples gosto de jogar. Como as bolsas de valores, que especulam indiferentes à realidade dos países, às pessoas reduzidas a estatísticas.

Quem sobe e quem desce no âmbito da arte? Como se constrói e como se mede a reputação um artista? Como uma obra pode ser inflacionada? Como fazer para que ela simplesmente não seja vista? Questões como essa, logo se vê, não pertencem apenas ao mundo da arte, mas ao mundo como um todo. Desde o princípio, Nelson Leirner desvendou esse princípio, acusou-o com sarcasmo e doses de iconoclastia calculadamente violentas. Afinal, quer equívoco maior, pior ainda, quer má fé maior do que a dos que apregoam que a arte está acima deste mundo? Cumpre denunciar mais essa armação.

O denominador comum do conjunto da obra de Nelson Leirner é confrontar o mundo da arte com xeques-mates sucessivos, fazer com que o sistema não tenha saída, que não prossiga em seu jogo de iludir. Nesse sentido, essa exposição é um exemplo magistral do colapso entre jogos, entre regras distintas de jogos distintos que subitamente entram em colisão. *Mona Lisa*, a obra-prima de Da Vinci, cai do seu púlpito para ser violada, malbaratada pelas regras do entretenimento, para se converter em um elemento decorativo, tão banal quanto os *stickers* que o artista aplica sobre ela. Isso também se dá com a *Última ceia*, que, como a *Mona Lisa*, é também alvo de uma exposição exclusivamente composta por trabalhos que, por intermédio de um humor cáustico, reduzem a pó toda a venerabilidade construída ao longo dos séculos. *As meninas*, de Velázquez, sofre o ataque impiedoso de ratos, aranhas e morcegos; o antológico piquenique de Manet, seu *Banquete na relva*, é, muito a propósito, atacado por formigas; a lógica cerrada de Mondrian se converte num jogo de resta um; a linha decorativa de Warhol vira almofada. Nada escapa a Nelson Leirner. Na qualidade de Grande Mestre, de Grande Crupiê, ele, do lado de lá do balcão, ordena ao público que faça suas apostas, pois, para aperfeiçoar a *performance* no jogo, basta começar a jogar.

Agnaldo Farias





Sleep well, 2015

almofada com impressão digital montada em caixa de papelão com aplicação de stencil
cushion with fingerprint mounted in cardboard box with stencil application

76 x 96 x 16 cm cada *each*





Sotheby's, 2012
colagem sobre papel em caixa de acrílico
collage on paper on acrylic box
30 x 20 x 10 cm



Sotheby's, 2012
colagem sobre papel em caixa de acrílico
collage on paper on acrylic box
30 x 20 x 10 cm



Sotheby's, 2012
colagem sobre papel em caixa de acrílico
collage on paper on acrylic box
30 x 20 x 10 cm





Boetti desconstruido II, 2018

lã e trama

wool and weft

130 x 260 cm







Duchamp Bike II, 2011
fotografia
photography
160 x 120 cm

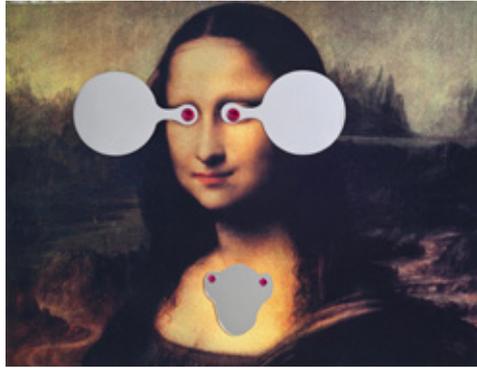


Xeque-mate Touro Modrian x Duchamp, 2012
tabuleiro de xadrez, objeto de louça em caixa de acrílico
chessboard, dishware in acrylic box
50 x 50 x 20 cm

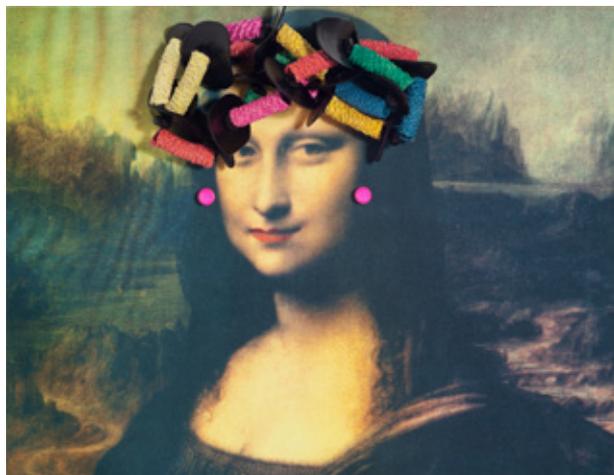
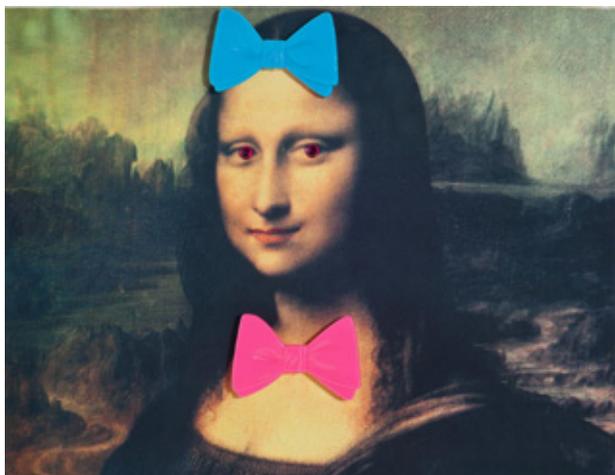




Xeque-mate Galinha x Ovo, 2012
tabuleiro de xadrez, objeto de louça em caixa de acrílico
chessboard, dishware in acrylic box
53 x 53 x 22 cm



Quadro a quadro - Cem Monas, 2012
fotografia, adereços em caixa de acrílico
photography, props in acrylic box
30 x 40 x 10 cm cada *each*



Quadro a quadro - Cem Monas, 2012
fotografia, adereços em caixa de acrílico
photography, props in acrylic box
30 x 40 x 10 cm cada *each*







Eu e Manet, 2015
fotografia e objetos de metal
photography and metal objects
79 x 85 cm



Eu e Velázquez, 2014
técnica mista
mixed media
180 x 215 cm







Última ceia, 2013
técnica mista
mixed media
90 x 230 x 10 cm



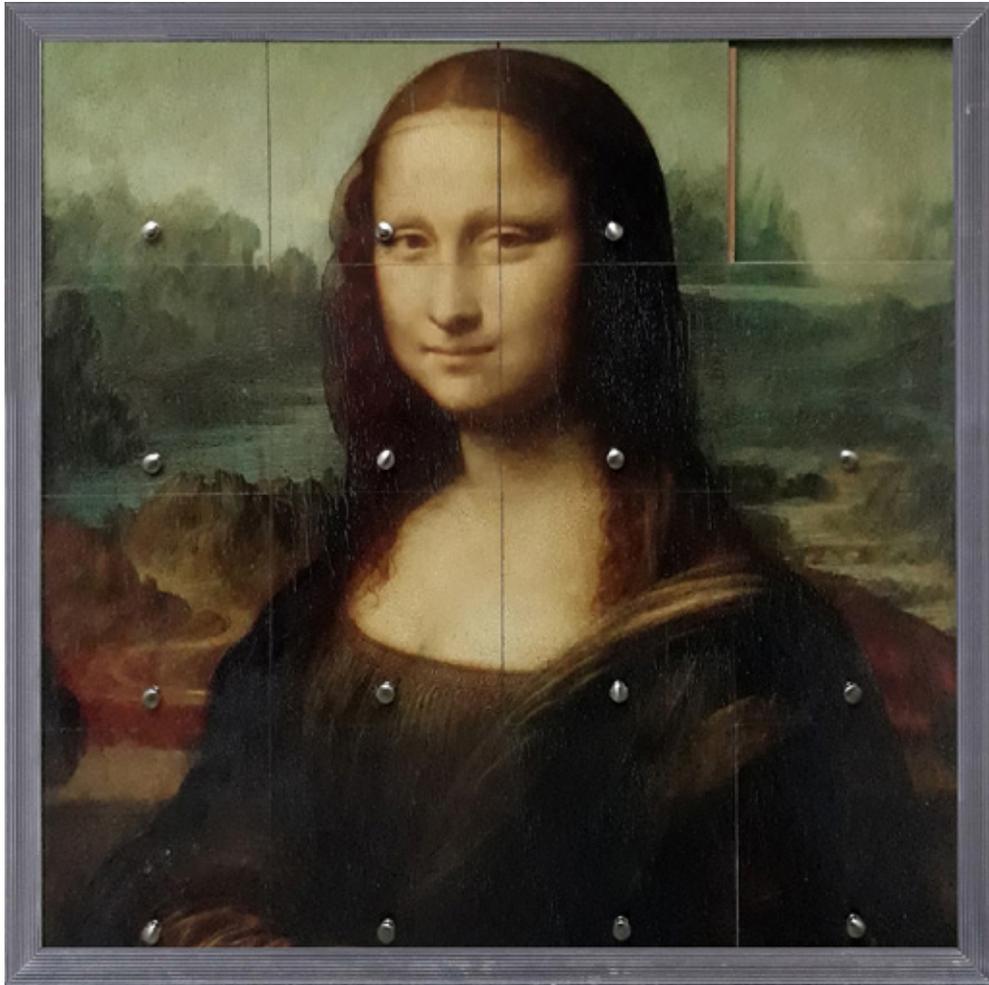
Xeque-mate Robô x Portuguesa, 2012
tabuleiro de xadrez, objeto de louça em caixa de acrílico
chessboard, dishware in acrylic box
53 x 53 x 22 cm



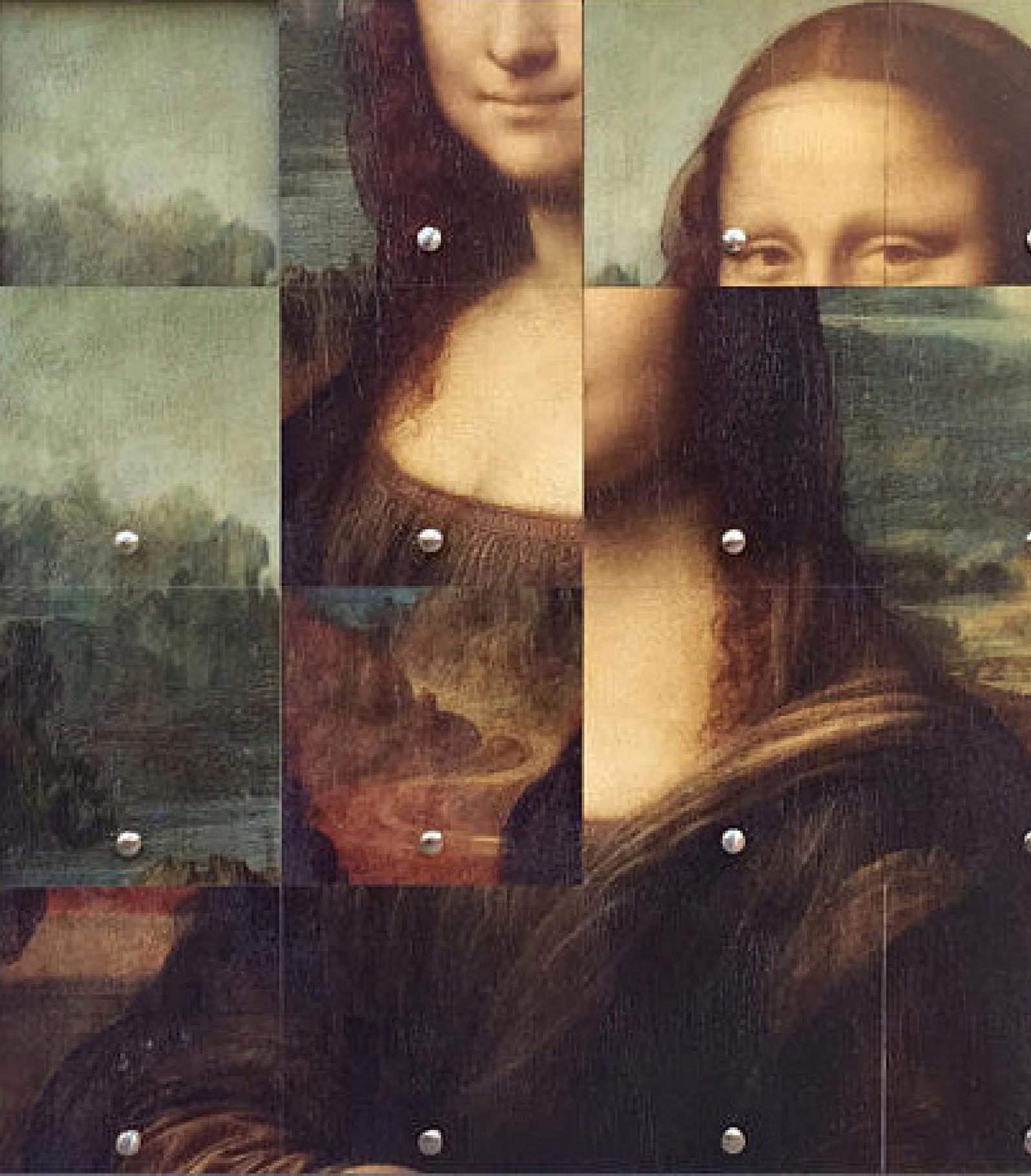


Homenagem a Mondrian III, 2010
madeira, papel fotográfico e alumínio
wood, photographic paper and aluminum
130 x 130 cm





Mona, 2017
madeira, papel fotográfico e alumínio
wood, photographic paper and aluminum
130 x 130 cm





Homenagem a Fontana 42 anos depois (galinha), 2012
objeto de pelúcia em caixa de acrílico
plush object in acrylic box
30 x 35 x 30 cm

Place your bets (brief comment on Nelson Leirner's work)

[About Chess]

A chinese game that increases
the ability to play chess.
(Millôr Fernandes)

Nelson Leirner named the piece *Xeque-mate Touro Mondrian e Duchamp* ["Checkmate Bull Mondrian and Duchamp"]: a tray in whose center there is a cow - the bull runs on account of a poetic license of the artist. In art the real ways are the deviations, made without asking permission - in miniature, those with which old-times children used to play, long before electronic games that since childhood imprison them to mobile phones and iPads. It is true that much of the natural appearance was banished from that cow; the line that connects it with the rural world is about to break. Nothing to be surprised, since nature no longer exists, reinforcing the idea of a Drummond poem on Minas Gerais, it was reduced to playful and decorative objects like this cow, such as wallpapers with landscapes stamped, hyperreal plastic flowers that come from China, the cloying scent of taxi deodorants and toilets, with their false promises of transport to woods and green fields, to the melancholy of bucolic atmospheres.

Returning to the cow, it is easy to see why it is definitely atypical: it brings in its body, coating it, a composition derived from a painting by Dutch Piet Mondrian; on its back, buried in it, a bicycle wheel, the work that made Marcel Duchamp famous. Two works of art produced by two artists who at the beginning of the last century gave merciless blows to what was defined as art. Mondrian, because he bet everything on the abstraction, in the rupture of the notion that art should represent the visible. In fact, it was his colleague Theo van Doesburg who, following him closely, schematized a cow, precisely it, in a painting composed of red, blue, yellow, white and black quadrilaterals. His purpose was to demonstrate the uselessness, the error of figurative painting. Duchamp, because he introduced into the circumspect and revered world of art, everyday objects, vulgar, spurious things that the refined public treated like garbage. He contradicted the norms, the criteria that dictated what was and what was not art.

In this checkmate we have the cow run over by the art, the nature run over by the culture. This is the game, because everything is a game. The cow miniature is not the cow, even if it has to do with it. The Mondrianesque skin is not a Mondrian painting, although it has to do with it. The same thing can be said about the bicycle wheel, which is and is not a Duchamp work. Everything here is a sign, from the order of conventional representations, figures, codes, structures and logics. This sign trespassing on a chessboard is something symptomatic: with its towers, horses, bishops, pawns, king and queen, chess is a pure game, the result of strictly established rules about how much each one of them is worth, how they move. Add up the possible openings and defenses, the profit contained in a gambit, the strategies that multiply to the infinite in lengthy battles, able to exhaust even the most experienced Grand Master. To play it, just accept its rules, recognize them and use them.

From the beginning of his career, in the early 1960s, Nelson Leirner has as the substrate of his work the idea that man is an animal that plays. Not that others do not play, they just do not play for the game, but to attract others, either to mate or devour them. They build traps, they invent trappings. Some of them are cunning, agile, or rude and cruel. But man takes that ability to unthinkable extremes, starting with the simple taste of playing. Like stock exchanges, which speculate indifferent to the reality of countries, people reduced to statistics.

Who rises and descends in the realm of art? How do you build and how do you measure an artist's reputation? How can a work be inflated? How do you make it just not seen? Issues such as this belong not only to the world of art, but to the world as a whole. From the beginning, Nelson Leirner has revealed this principle, accused it with sarcasm and calculatedly violent doses of iconoclasm. After all, do you want a greater misunderstanding or more bad faith than of those who claim that art is above this world? This frame must be denounced further.

The common denominator of all Nelson Leirner's work is to confront the world of art with successive checkmates, to make sure that the system has no way out, that it does not continue in its play of deceiving. In this sense, this exposition is a masterful example of the collapse between games, between distinct rules of distinct games that suddenly collide. *Mona Lisa*, Da Vinci's masterpiece, falls from its pulpit to be violated, undermined by the rules of entertainment, to become a decorative element, as banal as the stickers that the artist applies on it. This is also true of the *Last Supper*, which, like *Mona Lisa*, is also the subject of an exposition exclusively composed of works which, through caustic humor, reduced to dust all the venerability built up over the centuries. *The Girls*, by Velázquez, suffers the merciless attack of rats, spiders and bats; Manet's anthological picnic, his *Luncheon on the Grass*, is, by the way, attacked by ants; the closed logic of Mondrian becomes a game of peg solitaire; the Warhol decorative line turns into a cushion. Nothing is out of Nelson Leirner's sight. As Grand Master, Grand Croupier, he commands the public to place their bets on the side of the counter, because to perfect the game *performance* all you have to do is start the game.

Agnaldo Farias



Nelson Leirner

São Paulo, 1932

Artista intermídia. Reside nos Estados Unidos, entre 1947 e 1952, onde estuda engenharia têxtil no Lowell Technological Institute, em Massachusetts, mas não conclui o curso. De volta ao Brasil, estuda pintura com Joan Ponç em 1956. Frequenta por curto período o Atelier-Abstração, de Flexor, em 1958. Em 1966, funda o Grupo Rex, com Wesley Duke Lee, Geraldo de Barros, Carlos Fajardo, José Resende e Frederico Nasser. Ainda em 1966 recebe prêmio na Bienal de Tóquio. Em 1967, realiza a Exposição-Não-Exposição, happening de encerramento das atividades do grupo, em que oferece obras de sua autoria gratuitamente ao público. No mesmo ano, envia ao 4º Salão de Arte Moderna de Brasília um porco empalhado e questiona publicamente, pelo Jornal da Tarde, os critérios que levam o júri a aceitar a obra. Realiza seus primeiros múltiplos, com lona e zíper sobre chassi. É também um dos pioneiros no uso do outdoor como suporte. Ganha o prêmio Itamaraty na Bienal de São Paulo.

Por motivos políticos, fecha sua sala especial na 10ª Bienal Internacional de São Paulo de 1969, e recusa convite para outra, em 1971. A partir da década de 1970, o teor questionador do trabalho migra da ação direta para um sentido alegórico, que muitas vezes envolve o erotismo. O Happening tem menos presença que o desenho e a instalação. Nessa época, Leirner se dedica a outras linguagens, como o design, os múltiplos e o cinema experimental.

Nos mesmos anos 70, cria grandes alegorias da situação política contemporânea em séries de desenhos e gravuras. Em 1974, expõe a série A Rebelião dos Animais, com trabalhos que criticam duramente o regime militar, pela qual recebe da Associação Paulista dos Críticos de Arte - APCA o prêmio melhor proposta do ano. Em 1975 a APCA concede ao artista o prêmio APCA melhor desenhista e encomenda-lhe um trabalho para entregar aos premiados, mas a Associação recusa-o por ser feito

em xerox, por isso, como protesto, os artistas não comparecem ao evento. De 1977 a 1997, leciona na Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP, em São Paulo, onde tem grande relevância na formação de várias gerações de artistas. Em 1994 recebe o prêmio APCA de Melhor Exposição Retrospectiva do Ano. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1997, e coordena o curso básico da Escola de Artes Visuais do Parque Lage - EAV/Parque Lage, até o ano seguinte. Em 1998 recebe o prêmio Johnny Walker de Arte Contemporânea. Em 1999 representa o Brasil na Bienal de Veneza o que lhe abre portas para uma carreira internacional tanto em galerias como em instituições, dando continuidade ao que já acontecia no Brasil. Participa das mais importantes feiras de arte no exterior, tais como: Arco, Basel, Miami Basel, Dubai e expõe na Suíça, Alemanha, Espanha, Portugal, Inglaterra, França e Estados Unidos. Em 2007 é reconhecido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) com o prêmio "Trajetória de um artista" e em 2009 recebe uma homenagem do Instituto Cultural Itaú como "Artista Referência" com a exposição Ocupação. Participa da exposição "Dreamlands" no Centre Pompidou, Paris, em 2010, e expõe na 29ª Bienal de São Paulo no mesmo ano. Em 2011 realiza a retrospectiva "Nelson Leirner 2011-1961 = 50 anos", na FIESP/SESI-SP. A presença de elementos da cultura popular brasileira, marcante desde os anos 1960, cresce a partir da década de 1980. Em 1985, realiza a instalação O Grande Combate, em que utiliza imagens de santos, divindades afro-brasileiras, bonecos infantis e réplicas de animais. Pretende converter em arte o que é considerado banal. Desde o ano 2000, seu trabalho se apropria de imagens artísticas banalizadas pela sociedade de consumo. De maneira bem-humorada, lida com as reproduções da Gioconda (Monalisa) e A Fonte, de Duchamp, como tema artístico. Com a mesma ironia, o artista replica sobre couro de boi imagens da tradição concreta brasileira, na série Construtivismo Rural.

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 2018** Papel Carbono, SIM Galeria, Curitiba.
A nova revolução industrial – Nelson Leirner, Galeria Silvia Cintra + Box 4, Rio de Janeiro.
- 2017** Nelson Leirner: o anjo exterminador, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo.
- 2015** Traduções: Nelson Leirner leitor dos outros e de si mesmo, Galeria Vermelho, São Paulo.
- 2014** Um diálogo com William Kentridge, Galeria Silvia Cintra + Box 4, Rio de Janeiro.
- 2012** Quadro a Quadro – Cem Monas, Galeria Silvia Cintra + box4, Rio de Janeiro.
Galerie Gabrielle Maubrie, Paris, França.
Quem sou, de onde vim, para onde vou, Paço Imperial, Rio de Janeiro.
- 2011** Who's Who. New Contemporary Art, Miami, USA.
Nelson Leirner 2011-1961=50 anos. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – Fiesp, São Paulo.
- 2009** Ocupações, Artista Referência, Instituto Itaú Cultural, SP. Camino de Santos. Instituto Valenciano de Arte Moderno – Ivam, Valencia, Espanha.
- 2008** Vende-se. Galeria Celma Albuquerque, Belo Horizonte.
Vestidas de Branco – O casamento. Museu Vale, Vitória. Camino de Santos. Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo – Meiac, Badajoz, Espanha. Camino de Santos. Casa das Américas, Madri, Espanha.
- 2005** Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Rio de Janeiro.
- 2004** N.Leirner 1999+5. Roebing Hall, Nova York, EUA.
N.Leirner 1994+10. Museu Oscar Niemeyer, Curitiba.
N.Leirner 1994+10. Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.
- 2002** Adoração. Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, Recife.
- 2001** Projeto Parede. Museu de Arte Moderna de São Paulo.

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 2018** Pop América: Contesting Freedom, 1965-1975, Nasher Museum of Art at Duke University, Carolina do Norte, EUA.
AI-5 50 Anos - Ainda não terminou de acabar, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.
Construções sensíveis: a experiência geométrica latino-americana na coleção Ella- Fontanals, Cisneros, CCBB Rio de Janeiro.
Ready Made in Brasil, SESI São José dos Campos.
World's Game: Football and Contemporary Art”, Pérez Museum, Miami, EUA.
#iff 2018, Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP
Visones de la tierra. El mundo planeado, Santander Cultural de Madrid, Espanha.
Contraponto, Museu da República de Brasília, Brasília.
- 2017** Ready Made in Brazil, Fiesp, São Paulo.
How to read El Pato Pascual: Disney's Latin America and Latin America's Disney, Mak Center, Los Angeles, EUA.

- 2017** Do outro lado do espelho, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal.
O útero do mundo, MAM São Paulo.
A Global Table, Museu Frans Hals e o De Hallen Haarlem, Holanda.
Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art of São Paulo, Phoenix Art Museum, EUA.
Yes, nós temos bikini, CCBB Rio de Janeiro.
Entre Nós - A figura humana no acervo do MASP, CCBB Brasília.
- 2016** Entreolhares – poéticas d'alma brasileira, Museu Afro Brasil, São Paulo.
Lupa: ensaios audiovisuais, Museu de Artes de Ofícios, Belo Horizonte.
Mapas, Cartas, Guias e Portulanos, Santander Cultural, São Paulo (exposição itinerante).
- 2015** Pop International, Walker Art Center exhibition in Minneapolis, which will travel to Dallas and later to Philadelphia, EUA.
OPINIÃO 65 - 50 anos depois, MAM Rio de Janeiro.
- 2013** 30 x Bienal - Transformações da Arte Brasileira - Retrospectiva - São Paulo.
- 2011** Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.
- 2010** Dreamlands. Centro Georges Pompidou, Paris, França.
XXIX Bienal de São Paulo, São Paulo.
- 2009** NÓS. Museu da República, Rio de Janeiro.
Brasil brasileiro. Centro Cultural Banco do Brasil, RJ.
Atenção – estratégias para entender arte. MAM - SP. Cinema Experimental. Centro Cultural São Paulo.
Especial Guest, Art Fair, Dubai, Emirados Árabes Unidos.
- 2008** Coleção Gilberto Chateaubriand. Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro.
Brasil brasileiro. Centro Cultural Banco do Brasil SP. Futuro do presente. Instituto Cultural Itaú, São Paulo.
Face to Face. Daros Latino America Collection, Zurique.
Arte Latino Americana na Coleção Berrado. Museu de Arte Moderna, Sintra, Portugal.
Duchamp Me. Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- 2007** Anos 70: arte no question. Instituto Tomie Ohtake, SP
Tropicália. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
Às portas do mundo. Centre Culturel de Rencontres de Neumunster, Luxemburgo.
Dez dias de arte conceitual. Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo.
Puntos de vista. Daros Latinamerica Collection, Museum Bochum, Alemanha.
Estiuart 07. Joan Guaita Art, Palma de Mallorca, Espanha
Bienal do Mercosul. Porto Alegre
Bienal de Valência. Valência, Espanha
Itaú Contemporâneo: arte no Brasil 1981-2006, Itaú Cultural, São Paulo.
The Disappeared (Los Desaparecidos). El Museo del Barrio, Nova York, EUA.

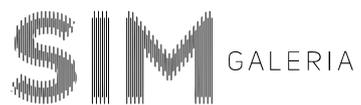
- 2006** Tropicália – A Revolution in Brazilian Culture. Bronx Museum of Art, Nova York, EUA.
The Sites of Latin American Abstraction. Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA.
The Beautiful Game: Contemporary Art and Football. The Brooklyn Institute of Contemporary Art, Brooklyn
Academy of Music, Jamaica Arts Center, Roebing Hall Galleries, Rotunda Gallery e Brooklin Information and Culture Inc., Nova York, EUA Espasso. Nova York, EUA.
Copa da Cultura. Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha Espaço Aberto/Espaço fechado: sites for sculpture in modern Brazil. The Henry Moore Foundation, Leeds, Inglaterra.
Tropicália – A Revolution in Brazilian Culture. Barbican, Londres, Inglaterra.
- 2005** Homo Ludens: do faz de conta à vertigem. Itaú Cultural, SP.
Tropicália – A Revolution in Brazilian Culture. Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA.
Lágrimas. Mosteiro de Alcobaça, Alcobaça, Portugal.
The Disappeared. North Dakota Museum of Art, Grand Forks, EUA.
O corpo na arte Contemporânea brasileira. Itaú Cultural, São Paulo.
- 2004** Espaço lúdico – um olhar sobre a infância na arte brasileira. Galeria BNDES, Rio de Janeiro.
Sonhando com os olhos abertos. Instituto Tomie Ohtake, São Paulo .
Art of the Americas: Latin America and the United States, 1800 to Now! Santa Barbara Museum of Art, Santa Barbara, EUA.
Arteconhecimento. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.
Pintura Reencarnada. Paço das Artes, São Paulo.
Os amigos da gravura. Museu da Chácara do Céu, RJ.
Fight the Power. Galeria Gabrielle Maubrie, Paris, França.
Tomie Ohtake na trama espiritual da arte brasileira. Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro.
- 2003** Tomie Ohtake na trama espiritual da arte brasileira. Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.
Fragíles. Galeria Espacio Líquido, Gijon, Espanha.
Ordenação e vertigem. Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo.
Art Unlimited. Basel, Suíça.
Arte e sociedade – uma relação polêmica. Itaú Cultural, São Paulo.
Aproximações do espírito pop (1963-68), Waldemar Cordeiro, Antônio Dias, Wesley Duke Lee e Nelson Leirner. Museu de Arte Moderna de São Paulo.
Layers of Brazilian Art. Faulconer Gallery, Grinnel, EUA.
Arteconhecimento 70 Anos. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.
- 2002** Bienal de Liverpool, Liverpool Inglaterra.
XXV Bienal de São Paulo, São Paulo.

PRÊMIOS

- 1966 Prêmio Bienal de Tóquio, Japão.
1967 Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA, Prêmio Itamaraty.
IX Bienal de São Paulo, São Paulo.
1975 Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA. Prêmio “Melhor desenhista”, São Paulo.
1994 Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA “Melhor exposição retrospectiva do ano”, São Paulo.
1998 Prêmio Johnnie Walker de Arte Contemporânea, RJ.
2007 Associação Brasileira de Críticos de Arte – ABCA, Prêmio Clarivaldo Prado Valladares – “Trajetória de um artista”, SP.
2011 Governador do Estado de São Paulo, São Paulo.

COLEÇÕES PÚBLICAS

- Tate Modern, Londres, Inglaterra.
La Maison Rouge, Paris, França.
Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, Portugal.
Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, Estados Unidos.
Coleção Inhotim Centro de Arte Contemporânea, Inhotim, Brasil.
Coleção Itaú, São Paulo, Brasil.
Coleção João Satamini, Rio de Janeiro, Brasil.
Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela.
Daros Latin América Collection, Zurique, Suíça.
Miami Art Museum, Miami, Estados Unidos.
Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Argentina.
Museu de Arte Contemporânea de Niteroi, Brasil.
Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Brasil.
Museu de Arte de São Paulo, Brasil.
Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, Recife, Brasil.
Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil.
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil.
Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil.
Museum of Latin American Art, Long Beach, Estados Unidos.
Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil.
Santa Barbara Museum of Art, Santa Barbara, Estados Unidos.
Brooklyn Museum, Nova York, Estados Unidos.
Museu Afro Brasileiro, São Paulo, Brasil.
Coleção Berardo, Sintra, Portugal.
Centro Cultural Banco Nordeste, Fortaleza, Brasil.
Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brasil.
Coleção Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, Recife, Brasil.
Novo Museu, Curitiba, Brasil.
Prêmio ABCA Clarivaldo Prado Valladares “Trajetória de um artista”, Brasil.



curitiba

al. presidente taunay 130 a
80420-180 | curitiba | brasil
+55 41 3322-1818

são paulo

rua sarandi 113 a
01414-010 | são paulo | brasil
+55 11 3062-8980

info@simgaleria.com
simgaleria.com